

UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

ANALIS

Série História



ANALIS

UAL
UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
DE LISBOA

ANALIS
Série História

VOLUME
IV

UAL
UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
DE LISBOA

Ficha Técnica da Edição

çãõ: EDUAL - Universidade Autónoma Editora, S.A.

Direcção: Armando Luís de Carvalho Homem

Redacção: Joaquim Emídio de Oliveira Correia
Fernando Carlos Rodrigues Martins
Miguel Figueira de Faria

Secretariado: Fernando Carlos Pinheiro Amorim
UAL/Pólo de Campo de Ourique
Rua Particular à Rua Saraiva de Carvalho, 207
1350 LISBOA
Tel. (01) 395 44 44
Fax: (01) 395 44 39

artigos são da responsabilidade dos autores.

LABORADORES DO PRESENTE NÚMERO:

- Adolfo Silveira Martins** — Doutor em História Moderna pela Universidade de Sevilha.
- António Manuel Hespánha** — Professor da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa; investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; professor convidado da Universidade de Macau; professor convidado da UAL; Comissário Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (1995-1999).
- Armando Luís de Carvalho Homem** — Professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; professor convidado da UAL e Director do respectivo Departamento de *Ciências Humanas* nos mandatos 1993/95, 1995/97 e 1997/99.
- Bernardo Vasconcelos e Sousa** — Professor auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Fernando Carlos Pinheiro Amorim** — Mestre em *História Moderna* pela Universidade de Lisboa; docente do Departamento de *Ciências Humanas/História* da UAL; Secretário do Curso de *História* nos mandatos 1995/97 e 1997/99; membro da CEU.
- João Paulo Avelãs Nunes** — Mestre em *História Contemporânea* pela Universidade de Coimbra e assistente da respectiva Faculdade de Letras.
- João Pereira Evangelista** — Geógrafo; docente da UAL; membro da CEU; delegado do Reitor no pólo das Caldas da Rainha.
- Joaquim Emídio de Oliveira Correia** — Escultor, professor catedrático jubilado da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa; professor catedrático da UAL (Departamento de *Ciências Humanas/História* e Instituto de Artes e Ofícios); Subdirector do Departamento de *Ciências Humanas* para o Curso de *História* nos mandatos 1995/97 e 1997/99; membro da CEU.
- José Augusto Ramos** — Professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- José Guilherme Victorino** — Licenciado em *História* pela UAL e Coordenador do respectivo *Gabinete de Relações Exteriores*; membro da CEU.
- José Manuel L. L. Subtil** — Professor-coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo; professor convidado da UAL e coordenador do respectivo Curso de Especialização em *Ciências Documentais* no mandato 1997/99.

Justino Mendes de Almeida — Doutor em *Filologia Clássica* pela Universidade de Lisboa; professor catedrático da UAL e seu Reitor nos mandatos 1992/96 e 1996/2000; membro da CEU.

Luís Manuel de Araújo — Professor auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Manuel Farinha dos Santos — Docente de *Pré-História e Arqueologia* no Departamento de *Ciências Humanas/História* da UAL; membro da CEU.

Maria M. B. Magalhães Ramalho — Técnica do IPPAR.

Maria Graciana Dias Marques — Mestre em *Civilizações Pré-Clássicas* pela Universidade Nova de Lisboa; docente da UAL; membro da CEU.

Maria Helena da Cruz Coelho — Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Maria João de Sousa Machado — Mestre em *História e Cultura Pré-Clássica* pela Universidade de Lisboa; docente do Departamento de *Ciências Humanas/História* da UAL.

Maria Manuela Tavares Ribeiro — Professora associada agregada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Maria Rita Lino Garnel — Mestre em *História Contemporânea* pela Universidade de Coimbra; docente da UAL.

Nuno Simões Rodrigues — Mestre em *História e Cultura Pré-Clássica* pela Universidade de Lisboa; assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; docente da Universidade Católica Portuguesa.

Índice

Memória da UAL	
Um discípulo da vida – António João Simões Serra (1921-1996)	9
Fernando Carlos Pinheiro Amorim	
Estudos de História e Cultura Pré-Clássica	
UGARIT: Mitologia para uma cidade	25
José A. Ramos	
Meios de Comunicação no Antigo Egipto	39
Luís Manuel de Araújo	
Historiografia Académica: realidade ou ficção? Breve análise das crónicas académicas	69
Maria João Beirão Lopes de Sousa Machado	
Estudos de Epigrafia	
A importância do «Corpus» Epigráfico Flaviense	93
Justino Mendes de Almeida	
Os Monumentos Lusitano-Romanos da Rua das Pedras Negras (Lisboa)	99
Justino Mendes de Almeida	
Outros Estudos	
Gravuras Rupestres do Distrito de Bragança: Elementos para a sua localização e estudo	105
Manuel Farinha dos Santos	
Moedas da Lusitânia Portuguesa representadas na Coleção do Museu de Évora	115
Maria Graciana Dias Marques	
Um Navio num Documento do Século XV	121
Adolfo A. Silveira Martins e Maria M. B. Magalhães Ramalho	
Proselitismo religioso e africanização dos ritos cristãos em Moçambique nos séculos XVI a XVIII: para uma «velha» teoria do nivelamento antropológico luso-africano	129
Fernando Carlos Pinheiro Amorim	

A formulação das hipóteses e a observação em História. O caso da História Política e Institucional Moderna	157
José M. Subtil	
A acção e o pensamento de Heliodoro Salgado	189
Maria Rita Lino Gamel	
As organizações de juventude e a memória histórica do Estado Novo (1934-1949)	235
João Paulo Avelãs Nunes	
Memórias	
António Maria Mourinho (1917-1996): Evocação	279
Justino Mendes de Almeida	
Francisco Paulo Mendes da Luz (1920-1995)	283
Justino Mendes de Almeida	
Francisco Tomás y Valiente (1939-1996)	285
António Manuel Hespanha	
François Furet (1927-1997): O revolucionário da Revolução	287
Maria Manuela Tavares Ribeiro	
Georges Duby (1919-1996): Uma história que continua	297
Bernardo Vasconcelos e Sousa	
Jorge Borges de Macedo (1921-1996)	303
José M. Subtil	
Luís de Matos (1911-1995)	313
José M. Subtil	
Manuel Viegas Guerreiro (1912-1997). Evocação e saudade	323
João Evangelista	

Memória da UAL

ria

Dez anos de uma instituição universitária: memória e projecto	331
Armando Luís de Carvalho Homem	
Balanço de um Ciclo. Um esforço de síntese da «sociedade política» dos finais da Idade Média portuguesa	339
José Guilherme Victorino	
Nos 90 anos de Avelino de Jesus da Costa	341
Maria Helena da Cruz Coelho	
censões críticas	345
da do Departamento	397

Jorge Borges de Macedo (1921-1996)

José Manuel Subtil

Morreu em Lisboa, no passado mês de Março, o Prof. Doutor Jorge Borges de Macedo, professor catedrático jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, um dos nomes cimeiros da historiografia portuguesa contemporânea.

Jorge Borges de Macedo nasceu em Lisboa a 3 de Março de 1921. Licenciou-se em Ciências Históricas e Filosóficas em 1944 com a defesa da tese *A Situação Económica no Tempo de Pombal — Alguns Aspectos* (cf. Bibliografia, n.º 1). Nos anos de 1946 a 1949, foi professor provisório do ensino técnico nas Escolas Machado de Castro e Fonseca Benevides e, em 1950, na Escola Lusitânia, ano em que foi afastado do ensino por ter estado preso no Aljube, passando, desde então, a leccionar no Colégio Moderno.

Em 1953, ganhou o concurso de provas públicas para o lugar de examinador da Administração-Geral dos C.T.T., cargo de que pediu a exoneração em Fevereiro de 1958, quando foi admitido na Faculdade de Letras como assistente da Prof.ª Doutora Virgínia Rau na cadeira de Teoria da História e do Prof. Doutor Manuel Heleno na cadeira de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa.

No mesmo ano, foi bolseiro do Centro de Estudos Históricos do Instituto de Alta Cultura, anexo à mesma Faculdade, iniciando os estudos sobre a indústria portuguesa, que viria a constituir o centro da atenção da sua tese de doutoramento, tendo, para o efeito, realizado investigações nos arquivos e bibliotecas de Londres e Paris.

Nos anos lectivos de 1959 a 1961, foi regente das cadeiras de História Moderna e Contemporânea e, de 1961 a 1964, de História de Portugal II. Foi, igualmente, assistente das cadeiras de História da Cultura Portuguesa (1959-1960) e de História da Cultura Moderna (1960-1961).

Em Junho de 1964, realizou as suas provas de doutoramento, tendo obtido a classificação de 19 valores, com a defesa da tese *Problemas de História da Indústria Portuguesa no Século XVIII* (cf. Bibliografia, n.º 4), vindo a ser proposto para 1.º assistente da Faculdade de Letras.

Em Junho de 1967, obteve o título de professor agregado de História, por unanimidade, de um júri constituído por todos os professores catedráticos da Faculdade de Letras, de que faziam parte, entre outros, os professores Vitorino Nemésio, Virgínia Rau, Orlando Ribeiro, Jacinto do Prado Coelho, Luís Lindley Cintra e Mário Brandão. Naturalmente, no ano de 1969, atingiria o grau de professor catedrático da Secção de História da Faculdade de Letras de Lisboa.

Na sequência dos acontecimentos de 25 de Abril de 1974, seria afastado da docência Faculdade de Letras de Lisboa durante, aproximadamente, seis anos, regressando à cátedra em 1980, para reger a cadeira de História Contemporânea de Portugal. Seria, portanto, convidado pela Universidade Católica (1977) para integrar o corpo docente da faculdade científica de História Económica e História Diplomática, onde teve como alunos vários juristas, diplomatas e economistas.

Em Outubro de 1990, pela primeira e única vez, foi indigitado para um cargo político pelo secretário de Estado Pedro Santana Lopes, como director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo em substituição do Prof. Doutor Martim de Albuquerque, numa altura em que se tinham concluído as operações de transferência da documentação do Arquivo de S. Bento para as novas instalações na Alameda da Universidade.

No dia 3 de Março de 1991, atingiu a jubilação como professor catedrático da Universidade de Lisboa, sendo homenageado com uma exposição bibliográfica no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e condecorado pelo Presidente da República, Dr. Mário Soares, com a Ordem de Cristo.

Poucos dias antes da sua morte (Março de 1996), pediria a demissão do cargo de director dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo ao ministro da Cultura, Manuel Maria Barroso, vindo a ser substituído pelo Prof. Doutor José Matoso, ex-presidente do Instituto Português de Arquivos.

De entre as suas actividades contam-se, ainda, o exercício dos cargos de secretário-geral do 1.º Congresso Nacional de Arqueologia (1958), secretário do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos (1960), a representação do Centro de Estudos Históricos do Instituto de Alta Cultura no 5.º Colóquio Internacional de Estudos Socio-Históricos (1963), bem como a direcção do mesmo centro durante a ausência do Prof.ª Doutora Virgínia Rau nos Estados Unidos da América, passando a exercer o cargo de secretário a partir do seu regresso (1964).

Foi também secretário de redacção da revista editada pelo mesmo centro, *Do Tempo e da História* (a partir de 1966). Em Junho de 1965, integrou a comissão portuguesa do Comité Internacional des Sciences Historiques, conjuntamente com o Prof. Doutor Ivor Dias Arnaut, da Universidade de Coimbra. Fez parte dos júris dos exames de

admissão às Escolas Superiores de Nova Lisboa (Angola, 1964-1965), dos Prémios Gaspar Corte Real (1966), Bartolomeu Dias e Fernão Mendes Pinto (1967), instituídos pela Academia Internacional da Cultura Portuguesa, e ainda dos exames de aptidão à Faculdade de Letras de Lisboa (1967-1968). Orientou os cursos de férias da Faculdade de Letras entre 1965 e 1967. Foi sócio de várias academias e associações.

Das inúmeras teses que orientou no domínio da história económica, social, diplomática e cultural, destacam-se as provas de doutoramento da Prof.ª Doutora Maria do Rosário Themudo Barata de Azevedo Cruz e dos Profs. Doutores José Amado Mendes e José Manuel Tengarrinha.

A sua actividade política activa, como opositor ao regime salazarista, cobriu toda a década de quarenta e terminou no ano de 1957. Começou por militar no movimento estudantil ao lado de colegas e amigos, como Piteira Santos e Mário Soares. Quando terminou o curso (1944), teria sido aliciado para ingressar no Partido Comunista Português, embora tenha reconhecido, publicamente, que nunca foi seu militante.

Membro do MUD (1945) e conspirador na revolta da Mealhada, apoiou a candidatura presidencial do general Norton de Matos (1948) e esteve preso no Aljube (1950). Os acontecimentos na U.R.S.S. decorrentes da morte de Estaline, o debate político em torno do relatório de Nikita Khrushchev e, posteriormente, a invasão de Praga, aprofundaram as divergências entre Jorge Borges de Macedo e os seus companheiros na luta de oposição à ditadura.

Como o próprio o afirmou (v. entrevista a José Freire Antunes, 1994, cf. Bibliografia, n.º 14), a partir de 1957 cessou a sua actividade política, depois de uma acesa discussão com Piteira Santos (a que terá assistido Mário Soares) sobre o esmagamento da revolta da Hungria (1956), tornando-se, desde então, dissidente de «muita gente jovem que tinha andado política e emocionalmente na orla do marxismo».

No mesmo ano em que pôs termo à militância política, concorreu ao lugar de assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, cuja aprovação no Conselho Escolar se ficou a dever, de acordo com as suas próprias declarações, ao apoio de Baltasar Rebelo de Sousa, sendo na altura ministro da Educação o Prof. Doutor Leite Pinto.

A obra de Jorge Borges de Macedo como historiador e homem da cultura está, em grande parte, por avaliar, devido, fundamentalmente, a quatro razões. Em primeiro lugar, à enorme dispersão dos seus textos, tal é a quantidade de monografias, ensaios, artigos, traduções, conferências e seminários que produziu e realizou e que nunca foram agregados para publicação conjunta. Muitos destes textos são mesmo inéditos ou de rara circulação pública. Espera-se que, em breve, tal tarefa seja realizada pelos seus discípulos, de forma a podermos contar com uma edição das suas *Obras Completas*.

Em segundo lugar, pelo carácter multifacetado da sua produção historiográfica e cultural, sendo completamente impossível enquadrá-lo como historiador de um período de uma temática. A sua intervenção como intelectual, académico e historiador abraçou diversas áreas científicas (história política, diplomática, económica e cultural) diversos períodos (desde os finais da Idade Média até à época contemporânea). Neste sentido, uma avaliação global da sua obra terá de ter em conta a apreciação destas várias menções, o que está, totalmente, por fazer.

Em terceiro lugar, porque Jorge Borges de Macedo optou, indistintamente, ou por um discurso académico, ou por um discurso ensaístico, por uma aproximação historiográfica baseada em estudos documentais, ou por uma reflexão interpretativa de âmbito científico e cultural, procurando um sentido para a História. Estas diversas atitudes são, necessariamente, que se distinguem para se aquilatar das suas contribuições como historiador e como ensaísta.

E, finalmente, a polémica em torno do seu *engagement* político, tendendo as apreciações a oscilar entre a admiração e a crítica implacável.

Este último aspecto prende-se, também, com outras causas. Desde logo, com o contexto histórico português e internacional onde se insere a sua actividade como professor historiador. Entre os anos de estudante, coincidentes com a Segunda Grande Guerra (1939-1945) e a assunção do Estado Novo, até à sua afirmação como catedrático (ocaso do salazarismo, começo da «primavera» marcelista e Revolução de Maio em França) e, depois, a Revolução de Abril e as diversas reacções políticas até à consolidação do regime democrático, Jorge Borges de Macedo viveu um período de constantes mudanças políticas, institucionais e culturais, em que, por força da sua profissão e actividade, tomou partido sobre as situações, o que, efectivamente, fez de forma polémica, ao assumir atitudes que, forma prospectiva, dão razão aos seus críticos quando afirmam não haver coerência intelectual nas suas obras ou nas suas posições.

Militante opositor à ditadura, dissidente, galardoado na carreira académica pelo mesmo regime que combateu, saneado pela Revolução de Abril e, finalmente, compensado pela democracia consolidada, um percurso sinuoso e complexo a acompanhar a dinâmica das alterações profundas na sociedade portuguesa na última metade do século XX.

Depois, Jorge Borges de Macedo abraçou a carreira de historiador, numa fase de grandes mudanças epistemológicas e metodológicas no domínio da História. Iniciou a sua carreira numa altura em que a Escola dos Annales estava no auge da sua afirmação, assistiu às críticas demolidoras do estruturalismo e à crise do modelo marxista, às novas perspectivas teóricas que, depois dos anos setenta, renovaram, em grande parte, as tendências em voga, em particular as abordagens historiográficas contaminadas por outras ciências sociais e as novas ideias filosóficas emergentes do pós-modernismo.

Uma evolução em catadupa e em renovação constante, tanto das sociedades europeias como da sociedade portuguesa, da historiografia europeia como da historiografia portuguesa. Desta forma, a avaliação global da sua obra terá de ter em conta, também, a sua produção historiográfica em relação com este contexto, para se poder analisar o seu pensamento de acordo com a sua *própria* avaliação das circunstâncias em que viveu e com as opções historiográficas que foi adoptando por entre as várias solicitações a que foi sujeito como académico e como cidadão.

Este é, aliás, um caminho para se averiguar, igualmente, as estruturas da sociedade portuguesa, as suas fragilidades de afirmação e identidade nos últimos cinquenta anos, à luz do percurso de um dos seus intelectuais, porventura polémico.

Todavia, numa análise preliminar, serena e descomprometida, da sua obra, é, porém, possível retirar algumas linhas de força de orientação da sua actividade como historiador.

Em primeiro lugar, a disponibilidade para a acção. Como se pode ver pela sua participação em variados acontecimentos (cf. Bibliografia n.º 20), desde os mais dignos do foro académico, até aos mais simples eventos associativos da sociedade civil, Jorge Borges de Macedo participou em todos com contributos intelectuais diversificados. Um historiador da academia, mas, também, do social como campo de acção.

Em segundo lugar, a sua persistente ansiedade filosófica associada à sua formação histórica, erudita e científica, contribuíram para que Jorge Borges de Macedo oscilasse entre o ensaio e a obra monográfica, procurando respostas para os mais diversos problemas da cultura portuguesa, em geral, e da História de Portugal, em particular.

A variedade de temas que tratou, a natureza das fontes que utilizou, a adopção das perspectivas que quis imprimir às suas intervenções (escritas e orais) fazem da sua obra um repositório de análise cuidada e atenta, um campo significativo sobre a visão do mundo de um intelectual, num período repleto de peripécias políticas e de frenesim intelectual.

Em terceiro lugar, é de assinalar o tom constante na sua produção cultural de uma vertente axiológica. Esta postura, sempre contraditória, é do ponto de vista ensaístico, uma das mais importantes contribuições de Jorge Borges de Macedo para a importância da cultura como factor de agregação nacional, independentemente, das suas próprias razões, por outros, certamente, contestadas.

Uma apreciação da sua principal e também mais conhecida obra como historiador dá-nos conta de uma actividade científica inovadora no panorama da historiografia portuguesa contemporânea, sobretudo como divulgador e intérprete das novas metodologias de trabalho que se desenvolveram, bem como do uso adequado das fontes arquivísticas no ofício de historiador.

A sua tese de licenciatura, *A Situação Económica no Tempo de Pombal — Alguns aspectos* (cf. Bibliografia, 1), foi, indiscutivelmente, influenciada pela Escola dos Annales, nomeadamente pelas leituras de Marc Bloch e Lucien Febvre e, naturalmente, pelo paradigma marxista vigente que, aliás, o próprio autor reconheceu no prefácio à segunda edição da obra (1981), em particular um «Marx sem Engels», bem como a *praxis* dialéctica de um *Materialismo* e o *Empirio-criticismo* (Lenine).

O objectivo da obra consistiu em periodizar e analisar as fases económicas do insulad pomalino (1750-1777), tendo por hipótese de trabalho que a condução política Sebastião José de Carvalho e Melo foi marcada, essencialmente, por uma relação aléctica entre a prática da governação e as condições materiais da economia portuguesa, astando, de todo, a ideia de um projecto estratégico global (ideal) por parte do marquês.

Jorge Borges de Macedo, nesta sua primeira obra como historiador, fez também uma ção metodológica de fundo, ao privilegiar como fonte de informação a documentação quívistica em detrimento dos textos doutrinaários e legislativos. Esta atitude foi, à oca, uma ruptura com a historiografia tradicional, visto que se tratou, do ponto de sta teórico, da valorização das práticas sociais em desfavor das ideias sobre as mesmas áticas. Como o próprio afirmou, «o que interessa é o homem histórico».

Os pólos de significação que escolheu para a legitimação da sua tese foram a actividade de comercial e industrial, ficando de fora como, aliás, também, o reconheceu, entre tros, a agricultura e a divisão da propriedade. Mas o certo é que, decorridos cerca cinquenta anos, com raras excepções (v., por exemplo, de José Vicente Serrão, *Pombalismo e a Agricultura*, Lisboa, I.S.C.T.E., 1987, provas de aptidão científica e dagógica, a que não resiste a tese de Jorge Borges de Macedo para o restante da onomia), não foram produzidos outros estudos sistemáticos e estruturais sobre o ríodo pomalino. O próprio autor destas linhas deu-se conta, recentemente, da importância das consequências das leis da amortização sobre os bens da Igreja e dos corpos de io morta, a extinção dos pequenos morgados, o emparcelamento da propriedade e as leis bre as heranças e doações (v., de José Subtil, *O Desembargo do Paço (1750-1833)*, sbova, Universidade Nova, 1994, dissertação de doutoramento). Mas, tal como Jorge rges de Macedo afirmava no prefácio da primeira edição da obra (1951), continuamos a contrar «A cada passo, na história de Portugal, anomalias como (...) ignorar-se a quase alidade dos aspectos sociais, culturais, económicos, jurídicos e administrativos».

Na sua obra de 1962, *O Bloqueio Continental. Economia e Guerra Peninsular* (Bibliografia, n.º 3), em que se analisam as relações diplomáticas e comerciais entre rtugal, a França e a Espanha, Jorge Borges de Macedo abriu à historiografia portuguesa ntemporânea o estudo sobre o século XIX (excepção para Vítorino Magalhães Godinho,

que trabalhava em França, e para Piteira Santos, que publicava, no mesmo ano, *Geografia e Economia da Revolução de 1820*), um caminho que só anos mais tarde, no início da década de setenta, viria a ser trilhado por outros historiadores como Vítor de Sá, Joel Serrão, A. H. de Oliveira Marques, Armando de Castro, Miriam Halpern Pereira, Albert Silbert, Fernando de Sousa e Maria Beatriz Nizza da Silva.

Em os *Problemas de História da Indústria Portuguesa no Século XVIII* (cf. Bibliografia, n.º 4), dissertação de doutoramento apresentada em 1964, Jorge Borges de Macedo procurou construir uma perspectiva estrutural da indústria portuguesa anterior ao *take off* inglês, de forma a produzir um instrumento de análise comparativo, para melhor se entenderem as condições da possibilidade, ou não, da industrialização portuguesa.

Se é hoje polémica a sua tese sobre o estímulo comercial causado pelo Tratado de Methuen, a concorrência inglesa e a circulação fiduciária, em contraste com a compressão criada à indústria pelo acesso ao ouro do Brasil, bem como a teoria da «euforia» económica nos finais do século XVIII, o certo é que a metodologia que JBM seguiu no seu trabalho, a selecção e a panóplia das fontes que utilizou — como as pautas alfandegárias, os registos paroquiais, as informações dos cartórios, livros da década, memórias manuscritas, estatísticas comerciais, descrições corográficas e fontes diplomáticas e legislativas — constituem, indiscutivelmente, um novo marco na forma de produzir História em Portugal, de que a historiografia contemporânea é subsidiária.

No início dos anos setenta, contribuiu de foram inovadora para o debate sobre a periodização, natureza e caracterização do absolutismo e da centralização do poder em Portugal quando, pela primeira vez, com os seus artigos no *Dicionário de História de Portugal* (cf. artigos sobre «Absolutismo» e «Centralização Política», Bibliografia, n.º 18), introduziu na historiografia portuguesa a reflexão proposta por Roland Mousnier, ao centrar a formação do Estado absoluto na estruturação dos organismos político-administrativos do governo da Coroa e dos instrumentos do exercício do poder, para especificar a configuração do Estado absolutista. Um entendimento mais profundo desta sua proposta conduziria à abertura de outras perspectivas, em particular as do Prof. Doutor António Manuel Hespanha, abrindo novos caminhos à investigação sobre a história do poder em Portugal e sobre os fundamentos do Estado moderno.

A renovação da história das relações externas de Portugal foi outra das opções de Jorge Borges de Macedo, cuja *História Diplomática Portuguesa. Constantes e Linhas de Força*, 1987 (cf. Bibliografia, n.º 11), constitui um título ainda hoje actual e, em muitos aspectos, um repositório de questões e problemas que a actual historiografia ainda não renovou.

Dentro da economia do presente texto, destacaríamos, ainda, os estudos *trangeirados*. Um conceito a rever (cf. Bibliografia, n.º 8), onde propôs uma nova interpretação da relação cultural e científica de Portugal com a Europa no século XVIII, *O aparecimento em Portugal do conceito de programa político* (cf. Bibliografia, n.º 7), que questiona alguns parâmetros da estratégia política do final do Antigo Regime.

Lisboa, 15 de Maio de 1996

BLIOGRAFIA

I. - Activa (selecção, cf. Bibliografia, n.ºs 20 e 21)

- 1951, *A Situação Económica no Tempo de Pombal — Alguns Aspectos*, Porto, Livraria Portuguesa, 1951 (1.ª Edição). 2.ª edição, Lisboa, Moraes Editores, 1982. 3.ª edição, Lisboa, Gradiiva, 1989.
- 1954, *Portugal e a economia pombalina — Temas e hipóteses*, Revista de História, Ano V, vol. IX, n.º 19, São Paulo, 1954, pp. 81-97.
- 1962, *O Bloqueio Continental. Economia e Guerra Peninsular*, Lisboa, Delfos, 1962 (1.ª edição). 2.ª edição, revista, Lisboa, Gradiiva, 1990.
- 1963, *Problemas de História da Indústria Portuguesa no Século XVIII*, Lisboa, Associação Industrial Portuguesa, 1963 (1.ª Edição). 2.ª edição, Lisboa, Quercus, 1964.
- 1967, «Introdução» a João Lúcio de Azevedo, *Elementos para a História Económica de Portugal (séculos XII a XVIII)*, Lisboa, Gabinete de Investigações Económicas do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, 1967, pp. III-XLIV. 2.ª edição, Lisboa, INAPA, 1990, pp. I-XXXVII.
- 1971, «Introdução» a Luís Augusto Rebelo da Silva, *História de Portugal nos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1971, pp. 7-130 (1.ª Edição).
- 1971, *O aparecimento em Portugal do conceito de programa político*, Revista Portuguesa de História, tomo XIII, Coimbra, 1971, pp. 375-423.
- 1974, *Estrangeirados. Um conceito a rever*, Bracara Augusta, Braga, vol. XXVIII, n.ºs 65-66. 2.ª edição, Edições Templo, s/d.
- 1976, *Um caso de luta pelo Poder e a sua interpretação n'«Os Lusíadas»*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1976.
- 1981, *Temas de História Económica de Portugal*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 1981.
- 1987, *História Diplomática Portuguesa. Constantes e Linhas de Força*, Lisboa, Instituto de Defesa Nacional, 1987.
- 1990, *Fontes Pereira de Melo*, Lisboa, Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, 1990.
- 1992, «História e Marxismo», entrevista conduzida por Manuel Cadafaz de Matos, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano XII, n.ºs 518-519, Lisboa, 9 a 15 de Junho e 16 a 22 de Junho, 1992, pp. 15-17.

14. 1992, *Política económica em Portugal no século XIX. Teoria e prática*, Actas do Encontro Ibérico sobre História do Pensamento Económico, Lisboa, CISEP, 1992, pp. IX-XXXIX.
15. 1993, *Marcelo Caetano e o Marcelismo*, História de Portugal, direcção de João Medina, vol. XIII, Alfragide, Ediclube, 1993, pp. 263-282.
16. 1993, *Unidade do poder e diversidade de situações nas áreas regionais em Portugal. Consequências metodológicas*, Actas das Primeiras Jornadas de História Local e Regional, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Colibri, 1993, pp. 11-33.
17. 1994, *Jorge Borges de Macedo. O brilho do «Velho Sábio»*, entrevista conduzida por José Freire Antunes, *Semanário*, Ano X, n.º 567, 1 de Outubro, 1994, pp. 30-33.
18. 1994, *A Experiência Histórica Contemporânea*, Lisboa, Edição do Autor, 1994.
19. 1995, *Da História ao Documento. Do Documento à História*, *Histórias de Um Só Autor*, Da História ao Documento. Do Documento à História, Lisboa, Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 1995, pp. VII-XLV.
20. 1995, *Manuel Fernandes Tomás — Do regional ao nacional. Análise crítica de uma estratégia de mudança*, *Amar, Sentir e Viver a História*. Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão, vol. II, Lisboa, Colibri, 1995, pp. 545-589.
21. *Dicionário de História de Portugal*, artigos (selecção) sobre Absolutismo, Burguesia na Época Moderna, Capitalismo na Idade Moderna, Centralização Política, Comércio Externo na Idade Moderna, Companhias Comerciais, Despotismo Esclarecido, Indústria na Idade Moderna, Marquês de Pombal, Nobreza na Época Moderna.
22. 1967, *Curriculum Vitae*, Lisboa, Retórica da Universidade de Lisboa, 1967.
23. 1991, *Jorge Borges de Macedo. Itinerário de Uma Vida Pública, Cultural e Científica* (introdução de Joaquim Veríssimo Serrão, pesquisa e organização de José Brissos, Ana Isabel Canas da Cunha e Ana de Lourdes Garcia, coordenação de Manuela Mendonça), Lisboa, Colibri, 1991. Trata-se de uma recolha exaustiva de toda a actividade científica, cultural e bibliográfica do Prof. Doutor Jorge Borges de Macedo até 1991, com centenas de registos informativos.
24. 1992, *Estudos em Homenagem a Jorge Borges de Macedo*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa, 1992 (Com bibliografia escolhida pelo próprio homenageado).